



Arquitetura e paisagem de montanha no Mediterrâneo Ocidental: O Atlas e o Rif em Marrocos

Miguel Reimão Costa & Desidério Baptista | CEAACP/FCT/
UAlgarve

O estudo do património material e imaterial das regiões de montanha do Mediterrâneo Ocidental aparece, quase sempre, enquadrado pela consciência de um tempo longo da história ou da preservação de certos arcaísmos que marcam estes territórios por oposição às terras baixas. A esta consciência, especialmente evidente em muitas das investigações realizadas até ao terceiro quartel do século passado, junta-se uma outra, mais recente, que regista o gradual despovoamento de muitos destes territórios, onde alguns assentamentos abandonados se encontram, lado a lado, com outros que mantêm ainda algumas das atividades tradicionais. O interesse de uma investigação centrada neste património resulta, para além destas razões, do facto de em diferentes circunstâncias terem sido reconhecidas algumas expressões de identidade na ocupação destas regiões, a norte e a sul do Mediterrâneo.

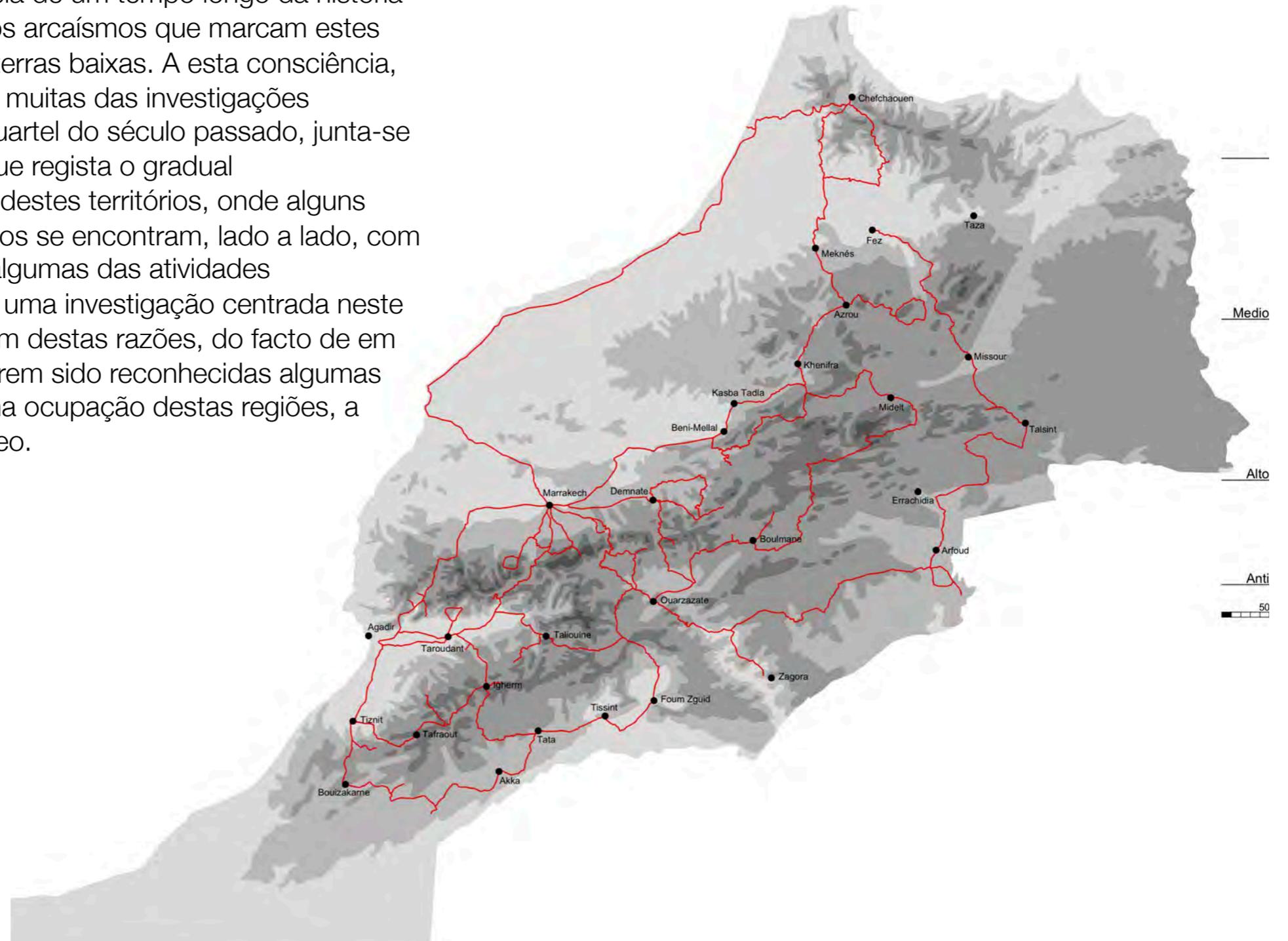


Figura 1 - Trajectos de Prospecção.

Este projeto pretende reconhecer, através de uma abordagem integradora nos âmbitos da arquitetura e da paisagem, a relação entre território e cultura nos modelos de organização do espaço às diferentes escalas. Partindo das regiões de montanha mais marcadas pela proximidade do Mediterrâneo, o projeto prevê simultaneamente a aproximação aos territórios mais interiores do Magreb, na transição para o Alto Atlas e as regiões pré-saarianas do Anti-Atlas. A importância que Marrocos adquire no âmbito mais alargado deste estudo, está relacionada com a sua posição de charneira e história de encontro de diferentes civilizações,

considerando a relevância da cultura autóctone na relação com as regiões do levante e do sul da Europa. É neste contexto que, privilegiando o trabalho de campo e a interpretação do património que chegou aos dias de hoje, se considera a caracterização integrada das diversas escalas, desde a organização da paisagem, dos sistemas de regadio e da morfologia dos povoados até à arquitetura da habitação e das estruturas coletivas, numa perspetiva que valoriza simultaneamente as circunstâncias territoriais e civilizacionais.



Figura 2 - Alto Atlas, Amezri. (Foto de Miguel Reimão)

Uma primeira dimensão da investigação comporta uma abordagem mais extensiva, que considera a delimitação das diversas unidades e subunidades de paisagem associada à caracterização e distribuição geográfica das várias tipologias da arquitetura doméstica. Em termos metodológicos, esta dimensão combinou o trabalho de prospeção [Figura 1] e levantamento [Figuras 2/8] com a reinterpretação de estudos realizados por vários autores em diferentes contextos geográficos e temporais. A nível da arquitetura doméstica, o estudo confirmou uma expressiva diversidade tipológica [Figura 9], mesmo quando nos restringimos à casa do



Figura 3 - Alto Atlas. (Foto de Miguel Reimão)

agricultor e não consideramos o habitat ligado à transumância e aos assentamentos temporários. As razões dessa diversidade não se cingem, como é evidente, às condições impostas pelo meio ambiente ou às limitações do território físico, adquirindo simultaneamente uma expressão cultural e diacrónica melhor relevada através de uma segunda dimensão da investigação correspondente ao levantamento de determinados casos de estudo, entre os quais poderemos distinguir a aldeia de Magdaz [Figura 10] no Alto Atlas Central.



Figura 4 - Alto Atlas. (Foto de Miguel Reimão)



Figura 5 - Alto Atlas.
(Foto de Miguel Reimão)



Figura 6 - Alto Atlas. (Foto de Miguel Reimão)



Figura 7- Anti Atlas, Arfoud. (Foto de Miguel Reimão)

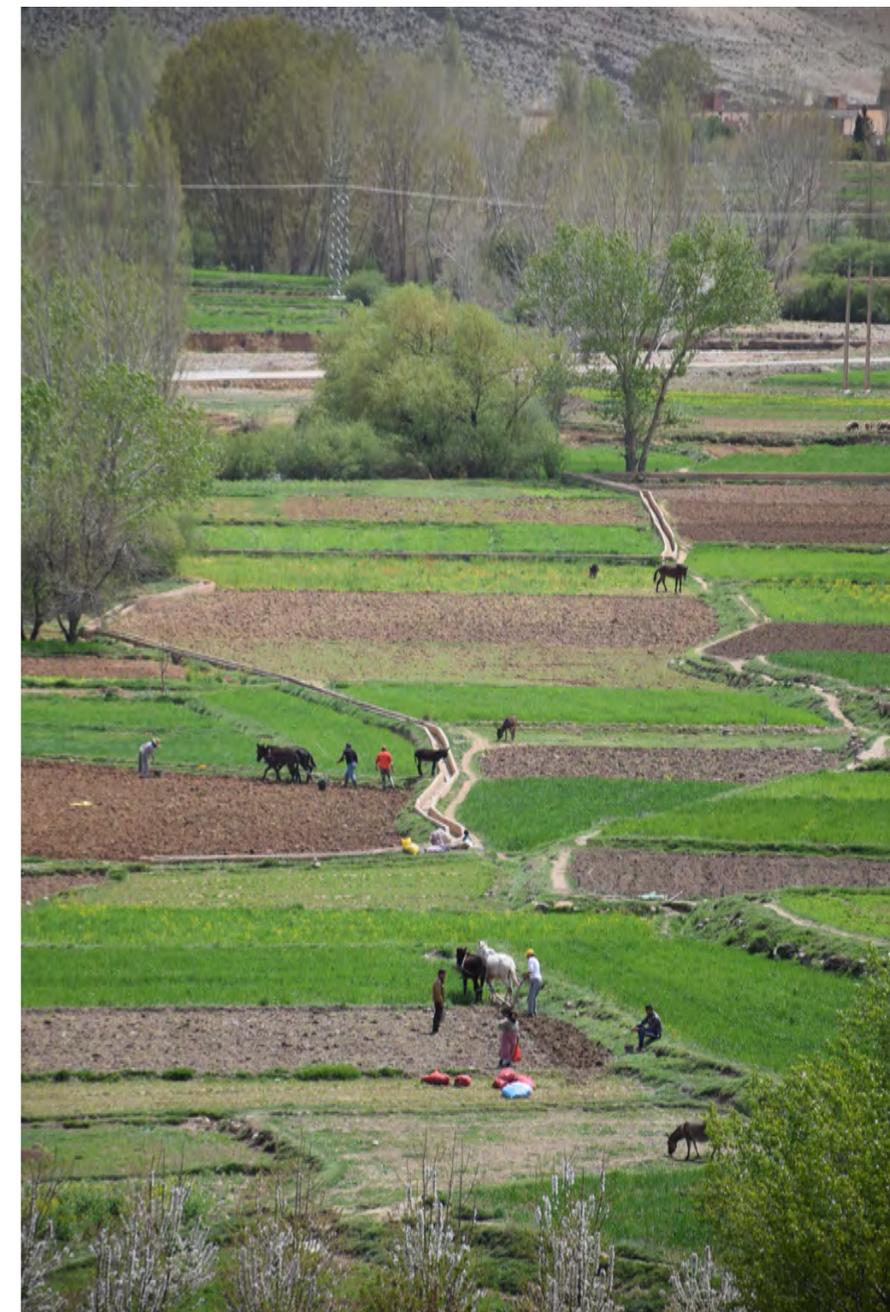


Figura 8 - Médio Atlas. (Foto de Miguel Reimão)

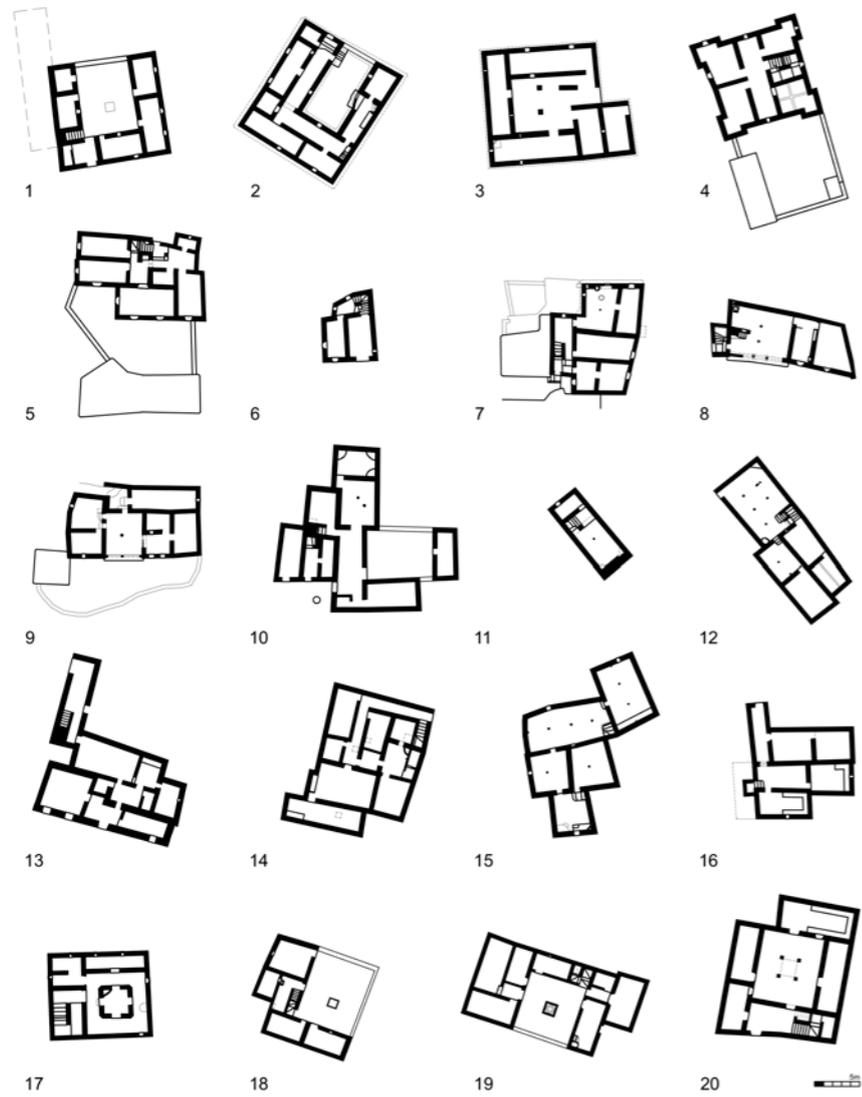


Figura 9 - Tipologias de arquitectura doméstica

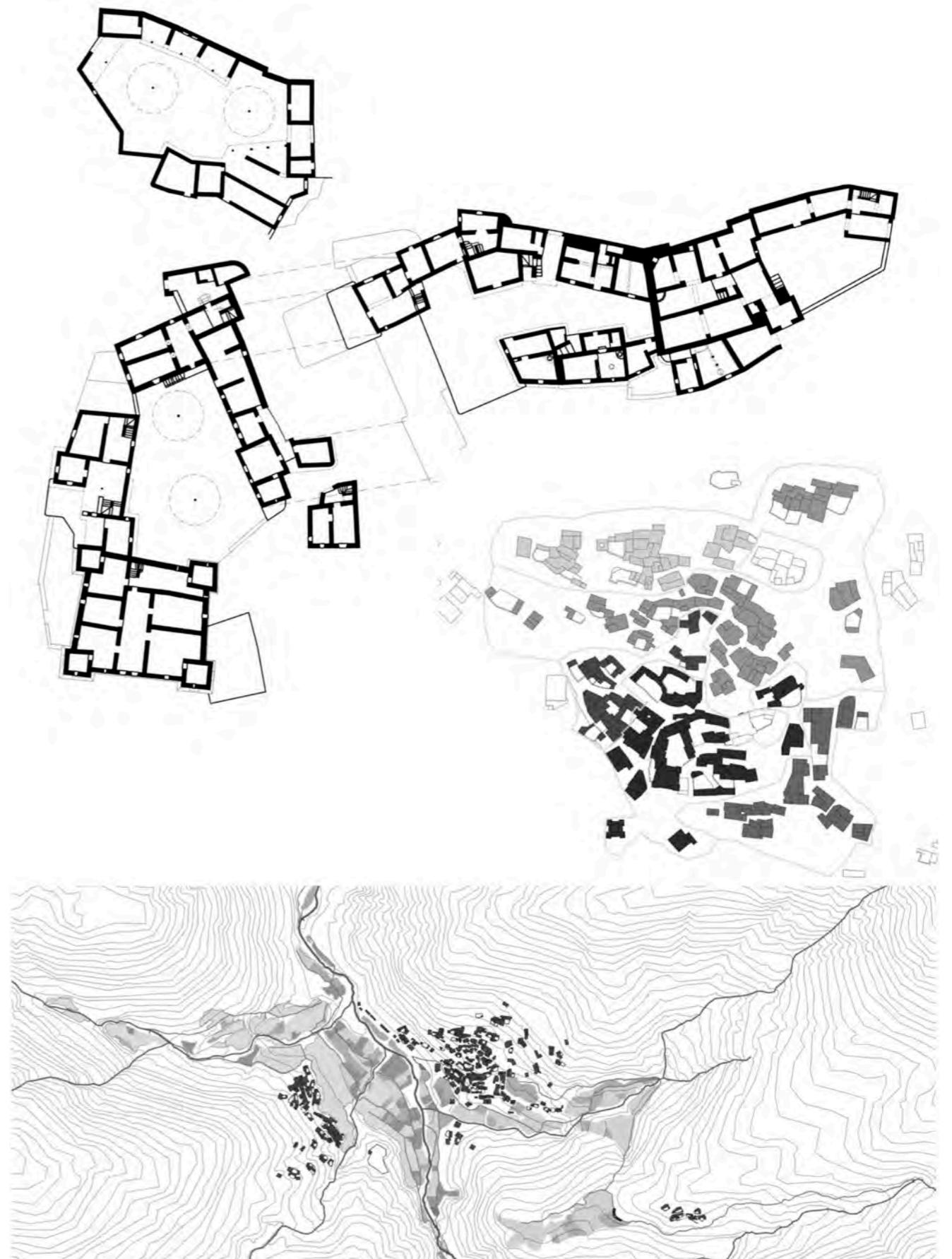


Figura 10 - Aldeia de Megdaz, Alto Atlas Central.